

BALANÇO

O presidente acredita que o país pode crescer 4% este ano e aposta que a recuperação do Real ajudará o governo a fazer o seu sucessor em 2002

FHC acha que economia está pronta para decolar

Nelson Torreão

Da equipe do Correio

Nos primeiros anos do Plano Real, o governo conferia férias de feriado ao 1º de julho, data de criação da nova moeda. Até o segundo semestre de 1997, em plena crise financeira da Ásia, o presidente Fernando Henrique Cardoso ousava afirmar que o real era "inexpugnável". Em agosto de 1998, com a crise da Rússia, que acabaria arrastando consigo o real seis meses depois, já não havia clima para festa.

Este ano, para não deixar passar em branco o sexto aniversário da moeda, Fernando Henrique reuniu num café da manhã no Palácio da Alvorada, um grupo de jornalistas para mostrar que, depois de dois anos de um ajuste doloroso, mas bem-sucedido, a economia está pronta para decolar. Também participaram do encontro o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Alcides Tápias, o ministro interino da Fazenda, Amaury Bier, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga.

"Estávamos nos concentrando nos alicerces, mas a casa começa a aparecer", disse o presidente. Segundo ele, o governo está preprando as condições para um crescimento contínuo e sustentado. "Temos condições para crescer 4% este ano", asse-



grou. O presidente disse que vai se empenhar em eleger o sucessor, para que ele mantenha o Real, mas ressalvou que tudo dependerá da avaliação que os eleitores fizerem na época.

O esforço de comunicação do presidente tem uma explicação óbvia: apesar dos bons resultados da economia, a avaliação do seu desempenho continua em queda. Sua taxa de reprovação desceu a 59% na última pesquisa CNT/Vox Populi. Fernando Henrique encara essa situação com a frieza do sociólogo. "A inflação é a mais baixa dos últimos 60 anos", destacou, referin-

do-se ao aumento acumulado no semestre, de apenas de 0,87%, do custo de vida em São Paulo. "Mas a população não percebe. Ela percebe que o dinheiro que ela tem no bolso não é suficiente para

comprar o que quer." Nos primeiros anos do Real, a situação era diferente, porque a queda da inflação aumentou de imediato o poder de compra das

pessoas. "A imprensa podia esclarecer isso", disse, traíndo uma ponta de ressentimento.

Recorrendo à sociologia, o presidente fez ressalvas sobre as pesquisas de opinião. "Mais de 80% das pessoas se dizem satisfeitas com a vida", apontou, referindo-

se à pesquisa CNT/Vox Populi. "O governante que se deixa dirigir pela opinião pública corre um sério risco, pois a opinião pública varia e ele pode se enganar", ensinou. E disse que a avaliação é diferente, quando as pessoas têm de tomar decisões mais profundas, como nas eleições: "Se não fosse assim, eu não teria sido reeleito com maioria absoluta" — ou seja, no primeiro turno.

O presidente reconheceu que o governo se comunica mal. "Falta uma política pública de comunicação", criticou. Ao final do encontro, Fernando Henrique distribuiu aos jornalistas o texto de uma palestra que fizera em maio, no Rio, onde mostrou que o país vem crescendo nos últimos 19 anos, apesar dos altos e baixos. Em valores constantes de 1998, o PIB passou de R\$ 623 bilhões em 1980 para R\$ 900 bilhões duas décadas depois. No mesmo período, "todos os dados sociais crescem constantemente", disse.

Quando se olha para a repartição da renda gerada nesse período, porém, a situação é outra: o PIB per capita cresce pouco, de R\$ 5.254, em 1980, para R\$ 5.562 em 1998, depois de ter atingido o pico (R\$ 5.643), em 1997. Mas o custo do ajuste, segundo Fernando Henrique, não recaiu sobre os pobres nem sobre os excluídos. "As classes médias pagaram um custo mais elevado", reconheceu.